

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Sara Caetano de Almeida

**É preciso ter *paixão* para ser professora?
história de vida**

Porto Alegre
1. Semestre
2015

Sara Caetano de Almeida

É preciso ter *paixão* para ser professora? história de vida

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Carmen Lucia Bezerra Machado

Porto Alegre
1. Semestre
2015

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a Deus
Porque d'Ele, por Ele e para Ele são
todas as coisas.*

AGRADECIMENTO

Ao concluir este trabalho quero agradecer...

... ao meu irmão, in memoriam, Indio Agostinho Caetano Junior, que foi o primeiro a acreditar que um dia estaria neste lugar de conluente em graduação;

... aos meus pais Indio Agostinho Caetano e Rosaria Coelho Caetano que não pouparam esforços para me amparar nos momentos mais difíceis, como também seu carinho e educação. Ao meu pai meu melhor amigo;

... a minha família, meu esposo Samuel Silveira de Almeida pelo incentivo durante este percurso, aos meus filhos João Lucas e Helena, os quais foram parte deste percurso;

... a minha orientadora Doutora Carmen Lucia Bezerra Machado, por ter sido minha madrinha durante a graduação, muito mais que uma professora uma amiga, por ser um espelho de docente em quem desejo me espelhar;

... aos professores e professoras que me inspiraram para este projeto de pesquisa, desde o início da minha educação básica: Eliane, Anísia, Marielza, Gisele, Rosa, Natalia, Tânia, Elen;

... aos professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial os professores Carmen Lucia Bezerra Machado, Maria Isabel H. Dalla Zen, Maria Luisa M. Xavier, Sergio Lulkin, Maria Cristina Bortolini, Clarice Salete Traversini, Paulo Peixoto de Albuquerque, Luciana Piccoli e Tânia Ramos Fortuna, por terem partilhado comigo seus saberes, tanto profissionais como de vida, me ajudando a persistir neste caminho e não desistir.

... à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que me proporcionou experiências enriquecedoras pessoal e profissionalmente.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar os percursos e caminhos que podem levar uma pessoa ao encantamento, paixão, um descobrir-se docente levando em consideração sua trajetória profissional, pessoal e seu tempo em sala de aula. É preciso ter um “algo a mais” para ser professora? O que nos torna diferentes? O que pode fazer com que façamos a diferença para aqueles que nos ouvem, para aqueles que nos assistem, para aqueles a quem ensinamos? Estas são as perguntas norteadoras que dão suporte para o estudo de caso embasado em entrevista com uma professora. A interpretação dos dados realizada a partir da triangulação da leitura do mundo escolar da pesquisadora incluindo as experiências vividas junto à Professora Eliane, as informações dadas pela entrevistada e as teorizações dos autores que tratam dessa temática. Para estas teorizações dois autores que para a autora são referência em docência: Paulo Freire e Miguel Arroyo.

Palavras-chave: Educação. Docência. Paixão. Formação Docente. Ser professora.

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
1 INICIANDO UM PERCURSO	7
2 “PAIXÃO, PRA QUÊ?”	10
3 METODOLOGIA	13
4 IMAGEM DE PROFESSORA	17
5 SER PROFESSORA: UMA HISTÓRIA DE VIDA PROFISSIONAL	19
6 EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO	24
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	32

1 INICIANDO UM PERCURSO

Quando pensava no que “ia ser quando crescer” não passava pela minha cabeça ser professora. Não que houvesse tido professoras ruins, mas acho que não era o que eu imaginava que fosse me satisfazer enquanto profissão. Queria ser arquiteta. Mas o mais curioso é que de uma forma ou de outra, sempre estava envolvida com crianças. Acabei por fazer um curso de atendente para creche e fui me envolvendo cada vez mais.

Em uma oportunidade, faltando professor em uma creche comunitária onde eu trabalhava na época como uma auxiliar volante, fiquei atendendo uma turma de Jardim A. Foi Minha primeira experiência como professora e foi como se eu estivesse esperando a vida toda por aquela oportunidade. Satisfez-me, me empolgou, me completou, percebi que estava diante da minha profissão e que aquilo estava me trazendo felicidade.

Passados alguns anos, num evento sou surpreendida por um abraço repentino, apertado e cheio de carinho. Quando consigo olhar o rostinho percebo que me é conhecido. Era uma das alunas daquela turminha do Jardim A. Aquele abraço me emocionou e me marcou me impulsionando a seguir esta carreira. Mas para que este relato?

Durante o período acadêmico, durante as inúmeras observações que agreguei dentro e fora da faculdade, percebi como era diferente – o modo como professores abordavam os alunos, o jeito de conduzir a aula, de solicitar os trabalhos, de explicar e propor a avaliação, sua preocupação com a compreensão do material oferecido como textos, livros, folhas, entre outros. Os olhares dos professores como também suas práticas pedagógicas variavam de acordo com o tempo em que já exerciam sua profissão. E até determinado ponto achava que ser professor teria certo

“tempo de vida útil”. Este seria o momento em que todo profissional atuante não aguentasse mais estar atuando de fato no ensino.

Digo determinado, pois houve um momento em que o que parecia regra se desregrou. Ocorreu quando em observação / prática durante o quinto semestre do curso de pedagogia conheci a professora Eliane¹. Ela é uma pessoa de falar agradável, de práticas precisas, de paixão emocionante pelo trabalho desempenhado com crianças há mais de vinte e cinco anos. E isso me fez refletir.

Mesmo sendo uma professora já experiente não deixava de se assentar no chão juntamente com as crianças para uma conversa, ouvindo atentamente suas contribuições e modificando o planejamento dependendo de algum acontecimento oportuno. Como por exemplo, no dia em que houve um atraso de várias pessoas inclusive meu e dela por causa de uma chuva forte que alagou a avenida. Este ocorrido foi motivo de conversa sobre o porquê havia acontecido como também sobre os alagamentos, como e porque ocorrem, como poderíamos contribuir para que não ocorressem. Achei interessante porque poderia esperar isso de uma professora recém-formada que quer inovar e ter uma aula que coloque o aluno como atuante na sociedade, ou situando o seu papel perante ela. Mas, não esperava de uma professora que deve ter aprendido com o método mais tradicional possível.

Diante disso paro e penso: - será que é preciso ter um “algo a mais” para ser professora?

Desde o início do curso um pensador sempre me chamou muito a atenção primeiramente por sua visão de e sobre educação; depois, o amor e empenho com que praticava essa visão. Muito falado, mas no meu ponto de vista, pouco compreendido.

¹ A identidade da professora será preservada sendo que esta será aqui mencionada como Eliane (trazendo a recordação da minha primeira professora) – Professora da turma 111, primeiro ano manhã do ano de 2013 em Escola privada de Porto Alegre.

Paulo Freire é um referencial quando se trata de docência. Sei que para muitos até pode parecer corriqueiro e não discordo, pois seu nome tem sido muito utilizado, erroneamente. Ninguém pode falar do que não viveu, se não viver a educação não entenderá Paulo Freire. E se “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2011, p. 24), como se criará possibilidades se não se ama o que faz, se não há entrega por aquilo que almeja alcançar? Para ele:

A tarefa de ensinar é uma tarefa profissional que, no entanto, exige amorosidade, criatividade, competência científica mas recusa a estreiteza cientificista, que exige a capacidade de brigar pela liberdade sem a qual a própria tarefa fenece ... (FREIRE, 1997, p. 9).

Nesse pensar chego ao que Miguel Arroyo (2013) chama de humana docência, que traz um olhar para além do ensinar, mas também “socializar conhecimentos, saberes, competências.” (p.52), então não seria apenas uma transferência, mas uma troca, um diálogo de conhecimentos. Ele ainda destaca que:

A maioria dos professores e das professoras de Educação Básica foi formada para ser ensinante, para transmitir conteúdos, programas, áreas e disciplinas de ensino. Em sua formação não receberam teoria pedagógica, teorias da educação, mas uma grande carga horária de conteúdos de área e metodologias de ensino. (ARROYO, 2013, p. 52)

Esta reflexão foi o suporte para que eu formulasse a questão que dá origem à pesquisa e ao Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 "PAIXÃO, PRA QUÊ?"

O amor à primeira vista é brutal apenas aparentemente... De resto, os próprios apaixonados logo confessam: 'Fomos feitos um para o outro'. Philippe Meirieu

Afinal o que mais pode ser desmotivador do que trabalhar onde não se tem prazer de estar?

Valho-me das palavras de Meirieu 2005 (p.95), para trazer ao entendimento o que para mim é o ato de ensinar. Um amor que se confessa no dia-a-dia, como num casamento fazemos nossos votos *na alegria ou na tristeza, no projeto ou boletim, na letra cursiva ou bastão até que a reprodução nos separe.*

Muitos ainda podem contestar e permanecer a enfatizar que salários, plano de carreira, más instalações, precariedade de recursos, falta de especialistas para inclusão, negligência familiar, etc., etc. e etc. são os principais desmotivadores da profissão. Razões que de fato são verídicas e levam à exaustão do trabalho e até mesmo são motivadores do abandono da profissão. Mas, podemos perceber que muitos educadores passam pelos mesmos conflitos, uns mais outros menos, mas todos passam. O que nos torna diferentes? O que pode fazer com que façamos a

diferença para aqueles que nos ouvem, para aqueles que nos assistem, para aqueles a quem ensinamos?

Tânia Fortuna fala sobre um “algo a mais” que me chamou a atenção se referindo a professores que brincam, quando diz que:

O certo é que, a despeito das adversidades pessoais ou profissionais enfrentadas – no caso desses professores, incompreensão e resistência dos colegas, chefia, alunos e seus pais, falta de espaço e de investimento institucional para o desenvolvimento para a proposta de trabalho, sentimento de injustiça e falta de tempo para desenvolver e envolver-se com as atividades lúdicas -, eles mantêm-se confiantes no “poder do jogo” e continuam apaixonados pelo ensino. (FORTUNA, 2001, p. 307)

Em uma palestra ao SINPRO de São Paulo em 2007, Antônio Nóvoa trás uma vivência:

Entre os 21 e 24 anos, fiz parte de uma geração de professores das escolas normais que ensinam o conjunto das teorias mais revolucionárias que se possa imaginar. Ensinamos tudo que era moderno, que era moda, tudo que era inovação, tudo que era teoria revolucionária.

No final nesse ciclo de formação, fui ver a aula de uma das alunas mestres que eu mais apreciava, hoje professora de ensino primário. E eu me espantei: nunca tinha visto uma aula tão tradicional, tão estupidamente rotineira. Perguntei o que estava a acontecer.

Afinal havíamos passado três anos a analisar as coisas mais extraordinárias do mundo. E ela disse que gostava tanto de fazer coisas inovadoras, “mas [vocês]

não me ensinaram nada sobre isso” e quando entrou na aula, só se lembrava de sua professora primária. E reproduziu as mesmas práticas. (p. 15,16)

Ou seja, o tempo vai passar e muitos de nossos alunos de hoje se lembrarão de nós com toda certeza. De que professor se lembrarão? Qual será a nossa reprodução no futuro? E se a professora desta aluna a que Nóvoa se refere fosse uma professora pouco menos tradicional, será que ela faria diferente? É provável que sim. Quem sabe mesmo na adversidade ela conseguisse se lembrar da professora que movia os alunos e contornava as situações, e que por estas situações quisera hoje ser docente.

Arroyo (2013) diz que nós “Somos professoras. Somos, não apenas exercemos a função docente.” (p. 27), não é uma profissão que quando acaba o expediente se a encerra:

Em nosso caso, como tirar a máscara de professora, de professor quando termina o espetáculo da docência. A máscara virou um modo de ser? Personalidade? São frequentes depoimentos como estes: *“quando terminam as aulas quero deixar na gaveta as vivências do dia, não consigo”*. *“Quando vou chegando em casa tento esquecer as lembranças da escola, não dá”*.

Através deste estudo procuro investigar que percursos e caminhos podem levar uma pessoa ao encantamento, paixão, um descobrir-se docente levando em consideração sua trajetória profissional, pessoal e seu tempo em sala de aula. Procurando compreender o papel da experiência na formação docente a partir da história de vida profissional de uma professora.

3 METODOLOGIA

No início dessa investigação o problema era um pouco maior. Minha pergunta inicial era: “É necessário ‘Paixão’ para ser docente?” Quais as contribuições e interferências que ocorrem quando há e quando não há um sentimento motivador para o trabalho docente na Educação Básica.

Era o que eu queria no início investigar as diferenças entre professores que amam o que fazem e aqueles que simplesmente se acostumaram com o lugar que ocupam. Por que há tanta discrepância entre eles? Mas em nossas conversas e trocas durante a aula da disciplina obrigatória do oitavo semestre: Reflexão sobre a prática docente – 6 aos 10 anos, a professora Elisabete Garbim me aconselhou dizendo: - *Tu estás querendo abraçar o mundo desse jeito! Vamos pensar em um jeito de diluir essa questão. Como tu chegaste a essa questão?* E essa pergunta fez toda a diferença.

Comecei a relatar que durante as observações para as disciplinas do Curso de Pedagogia e também do estágio não obrigatório e no obrigatório via professoras com cinco, oito, dez, doze anos de profissão achando que já tinham feito tudo o que tinham que fazer. As via somente repetindo, repetindo e repetindo o que já haviam feito. Não que seus métodos não fossem bons ou eficazes, mas sem estímulo, sem vida. Algumas achavam que o aluno que tinha culpa se não estava conseguindo aprender com o seu método [todo poderoso]. Por fim, concluí que havia de fato um tempo determinado para os professores dos anos iniciais e Educação Infantil. Um momento em que não se “suportasse” mais estar em sala de aula e isso me entristecia.

Quer dizer que o que eu sinto agora depois de entrar efetivamente para dar aula vai acabar? Quer dizer que eu vou me apostatar, desanimar, esmorecer e, depois de um tempo, reproduzir, vou fazer exatamente aquilo que eu acredito ser errado fazer? Foi uma desilusão.

Mas durante o período de observação e prática do quinto semestre, acompanhei uma turma de primeiro ano com a professora Eliane, a exceção. Fiz esta prática na escola onde trabalhara na época. Já ouvira falar dela por outras professoras, mas nunca havia tido contato direto. Eu trabalhava pela tarde e ela pela manhã. Nessa oportunidade pude conhecê-la, bem como também as suas práticas pedagógicas.

No primeiro dia já imaginava: ela é uma senhora deve falar a aula inteira e dar trabalhos e mais trabalhos para os alunos. Maravilhoso engano. Era como se houvesse me deparado com uma colega de faculdade só que bem mais experiente. Ficou evidente que eu havia me deparado com a minha questão problema. Foi a partir daí que então minha pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso virou um caso. Um estudo de caso.

De acordo com Lüdke e André (1986) "O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular." (p.17), e é utilizado quando o pesquisador procura "responder às questões 'como' e 'por que' certos fenômenos ocorrem (...), que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real." (GODOY, 1995, p.25). Por este motivo me propus a investigar esta professora e sua trajetória profissional, como poderia vir a ser uma boa docência ao longo dos anos nos anos iniciais do ensino fundamental. Para tanto, propus uma entrevista casual me valendo do metadiscorso², a partir do que a entrevistada considere vir a ser uma boa docência.

O que nós não esperávamos é que a professora viesse a adoecer. Digo "nós" por que nem eu e nem ela poderíamos esperar que ela não pudesse, por motivos de saúde, comparecer ou mesmo conceder a entrevista. E infelizmente não pude esperar visto que meu trabalho já estava, a meu ver, atrasado não poderia perder muito tempo. E então

² Expressão usada por Silveira (p. 129) ao referir a fala sobre a própria pergunta.

comecei a procurar outra professora que pudesse me conceder a entrevista.

Perguntei a professores, professoras e colegas de curso sugestão de um professor ou uma professora que eu pudesse equiparar à “minha” professora em suas características docentes. Queria alguém que estivesse em sala com alunos não universitários, mas sim alunos em formação básica. Não posso dizer que foi difícil, por que não foi, mas confesso que fiquei apreensiva. Apreensiva por não conhecer a pessoa, nunca tê-la visto lecionar, não saber se é o que é de fato. Se é que dá para entender. Mas é um pouco complicado achar uma pessoa assim tão de imediato e com disponibilidade. Então confiei nos olhares daqueles que me indicaram a professora Helena³.

Uma professora formada em pedagogia, atuante no trabalho com adolescentes em fase de regeneração. Em todo o tempo que conversamos pude perceber que apesar de não conhecê-la, suas palavras e seu olhar enquanto as falava me davam a certeza de que o que me falava era verdade. Uma professora que apesar de nova já passara por várias funções dentro de uma escola, desde a Educação Infantil até a coordenação. Disse-me que apenas não trabalhou com alfabetização em seus sete anos atuantes na área da Educação.

Sendo assim, farei a interpretação dos dados a partir da triangulação da minha leitura do mundo escolar incluindo as experiências vividas junto à Professora Eliane, as informações dadas pela entrevistada e as teorizações dos autores que tratam dessa temática. Para estas teorizações trago dois dos autores que para mim são referência em docência: Paulo Freire e Miguel Arroyo.

³ A identidade da professora entrevistada foi preservada, como também seu local de trabalho. Helena será o nome fictício que me referirei a ela.

4 IMAGEM DE PROFESSORA

A missão do professor não é dar respostas prontas. As respostas estão nos livros, estão na internet. A missão dos professores é provocar a inteligência, é provocar o espanto, a curiosidade. Rubem Alves

A figura do professor sempre foi alvo de inúmeras críticas e comparações. Mas a este, como fala Rubem Alves (2006), foi delegada a missão de desconstruir, de provocar, de não ser um mero apêndice no âmbito educacional, mas construtor de uma sociedade.

Desde que o mundo se formou, há aquele que ensina e aquele que aprende, e “toda relação educativa será o encontro dos mestres do viver e do ser, com os iniciantes nas artes de viver e de ser gente” (ARROYO, 2013, p.10).

Se para uma visão reduzida o direito à educação se restringe a ter toda criança na escola e ao domínio de habilidades primárias, para os movimentos sociais de que os professores participam esse direito é mais largo, é o direito ao conhecimento, ao saber, à cultura e seus significados, à memória coletiva, à identidade, à diversidade, ao desenvolvimento pleno como humanos. (ARROYO, 2013, p.53)

A professora antes de ter de dar conta de conteúdos curriculares, dá conta de uma gama de outras aprendizagens, dos saberes da sociedade. Dentro de um lar se aprende a viver em família, se aprende o respeito, se aprende sobre hierarquia (quem manda e quem obedece) e por que

motivo há necessidade de existir, como os deveres e obrigações dentro de um âmbito familiar, mas não é possível se aprender a viver em sociedade não estando inserido nela.

Na sala de aula, convivendo com outras pessoas, então se aprende a ser cidadão, se aprende a respeitar o outro, se aprende a ser humano, assumindo uma postura "*dialógica*, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve." (FREIRE, 2011, p.83) No conjunto de trocas de saberes se aprende a viver em sociedade. Em uma escola mais democrática,

uma escola que, continuando a ser um tempo-espaco de produção de conhecimento em que se ensina e em que se aprende, compreende, contudo, ensinar e aprender de forma diferente. Em que ensinar já não pode ser este esforço de transmissão do chamado saber acumulado, que faz uma geração á outra, e aprender não é a pura recepção do objeto ou do conteúdo transferido. Pelo contrário, girando em torno da compreensão do mundo, dos objetos, da criação, da boniteza, da exatidão científica, do senso comum, ensinar e aprender giram também em torno da produção daquela compreensão, tão social quanto a produção da linguagem, que é também conhecimento. (FREIRE, 1997, p.5).

Não é fácil ser professor, ser mestre, docente. Ensinar exige viver o ser docente.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 2011, p.26)

Mas uma seriedade, não de ser serio - sisudo, de levar esse viver com seriedade, com empenho, com o devido amor e respeito que essa profissão merece. Fortuna ao concluir sua reflexão sobre os professores que brincam, destaca a paixão destes por formar. Não se está falando que o professor deve escolher ser serio ou levar tudo na brincadeira, mas sim que quando se leva a serio a educação daquele que o escuta, vale brincar, jogar, até virar cambalhota para o bem ensinar, para que o aluno entenda o que está sendo ensinado.

A imagem da professora nem sempre é tida como a daquela que é detentora do saber, como a daquela que exerce uma função de supremacia e é com pesar que digo isso. Ser docente pode, neste momento em nosso país, não ser caracterizado como a melhor carreira a ser seguida, mas com certeza ainda é a profissão que forma a outros. Não só no âmbito de formar a outros profissionais, mas educar pessoas, futuros cidadão mais conscientes e comprometidos com o seu ser humanos.

Podemos aprender a ler, escrever sozinhos, podemos aprender geografia e a contar sozinhos, porém não aprendemos a ser humanos sem a relação e o convívio com outros humanos que tenham aprendido essa difícil tarefa. Que nos ensinem essas artes, que se proponham e planejem didaticamente essas artes . Que sejam pedagogos, mestres desse humano ofício. (ARROYO, 2013, p.54)

5 SER PROFESSORA: UMA HISTÓRIA DE VIDA PROFISSIONAL

Todo professor tem sua história, seu caminho, seu percurso. E com este vem sua bagagem, as experiências trazidas, tudo o que compõe esse percurso. Nestes dois próximos blocos vou analisar um pouco deste percurso realizado pela professora Helena.

Para estas análises foram feitas cinco perguntas: 1 - sua trajetória profissional; 2 - uma experiência que em seu ponto de vista a caracteriza como uma boa professora; 3 - uma experiência que considere ter sido mais desafiadora ou mais marcante; 4 - qual é, em sua concepção, ser um bom professor; e 5 - o que foi crucial em sua trajetória profissional.

Desta conversa destaco algumas falas que para mim foram relevantes para o entendimento do tema. A primeira que ficou evidente foi o fato de assim como eu, ela não tinha o “sonho” de ser professora isso não estava em seus planos.

"eu não pensava em ser professora, eu nunca pensei em ser professora, em ser educadora, em ser pedagoga, eu nunca pensei em ser. Quando eu entrei pra pedagogia eu entrei pensando em fazer alguma coisa que me aproximasse da educação física, do corpo, alguma coisa assim. Essa era a minha ideia inicial [...] Eu tive a sorte de ter um professor que ele tem essa característica dessa professora que tu falaste, ele tinha quase 30 anos de magistério sendo que 24 anos no estado no qual ele se aposentou como professor de matemática, pois ele era pedagogo, ele foi aluno do Paulo Freire e trabalhava na Universidade. E hoje ele tá com uns 60, 60 e poucos anos não sei ao certo, mas durante todos estes anos de magistério ele nunca perdeu o brilho de ser professor. E foi vendo ele, vendo esse prazer e como ele fazia que eu acabei me apaixonando

pela docência.”

Diante desse contexto trago Arroyo quando fala que

As lembranças dos mestres que tivemos podem ter sido nosso primeiro aprendizado como professores. [...] A figura da professora, do professor é das mais próximas e permanentes em nossa socialização. (ARROYO, 2013, p. 124).

Como também a fala de Freire, trazendo a sua imagem do professor

Nas minhas memórias de adolescente guardo a figura daquele homem fraco, indefeso, pálido, que carregava consigo o medo daqueles meninos que faziam da fraqueza dele um brinquedo junto com o medo de perder o emprego, no medo dos meninos gerado. Enquanto assistia à ruína de sua autoridade eu, que sonhava com tornar-me professor, prometia a mim mesmo que jamais me entregaria assim à negação de mim próprio. Nem o todo-poderosismo do professor autoritário, arrogante, cuja palavra é sempre a última, nem a insegurança e a falta completa de presença e de poder que aquele professor exibia. (FREIRE, 1997, p. 52)

O que ficará arraigado em nós será a imagem desse professor, a imagem daquele que passou rapidamente ou daquele que nos acompanhou dias afincos. Essa imagem permanecerá por muito tempo quem sabe até o fim da vida. Muitas vezes não conseguimos lembrar de todos os professores que passaram por nossa trajetória acadêmica, mas com certeza iremos

nos lembrar daqueles que de uma forma ou de outra deixaram marcas superficiais ou profundas em nosso ser.

Marcas essas que não especificamente foram de amor ou carinho, mas marcas de falas, trabalhos solicitados, práticas pedagógicas, um conselho, um gesto ou um olhar. E este se reproduzirá de maneira sutil ou um motivador de inspiração.

Mesmo para alguém que em um primeiro momento não pensava na docência como uma profissão a seguir, pode através da imagem construída optar pela mesma, pois fora tocada pelo mesmo sentimento daquele a quem a ofertou. Como também pode do mesmo modo se desgostar pelo mesmo motivo.

Reproduziremos, pois a imagem daqueles que nos cativaram não somente com conteúdos, mas com práticas que foram nos aperfeiçoando, nos moldando ao longo dos anos. Certo é que em cada um de nós, sendo professores ou não, levaremos uma herança daqueles que nos ensinaram o “caminho das pedras”. Seja com um método de estudo, uma prática de leitura, um facilitador para as contas matemáticas, um decorar dos países, estados e cidades, uma decisão política. O docente estará a orientar o aluno no caminho para a sociedade.

“E depois que eu comecei em escola assim eu nunca mais larguei. Entendeu? Eu não consegui me desvincular. Mais porque me apaixonei [...] eu já trabalhei em todos os lugares, desde a Educação Infantil até Ensino de Jovens e Adultos, por coordenação, por tudo quase eu só não trabalhei com alfabetização o resto eu trabalhei com tudo. Não alfabetizei nem de adulto nem de criança é a única lacuna que tenho.”

Durante nossa conversa pude perceber na professora Helena e em seu olhar, o quanto ainda tinha orgulho de estar em sala, ensinando e

fazendo com que aqueles que a escutam pudessem ter a experiência de um olhar para além da sala de aula.

Estar apaixonado por uma profissão pode até parecer algo como que melancólico. Segundo Fortuna (2011) uma professora apaixonada tem uma formação que se faz como num movimento. Comporta a troca e a transformação. Este processo interno e construtivo envolve a reflexão sobre si mesma e sobre as pessoas, *parece criar, à sua maneira e, antes de mais nada, para si mesmo, uma pedagogia livre e criativa, na qual não se posiciona como dona da verdade, mas, sim, com curiosidade e sem onipotência*. Tal formação permite que surja nos alunos o *desejo do saber*. (FORTUNA, 2011, p. 305)

Com isso percebo que para a professora estar apaixonada não requer apenas um amor ao aluno, mas um amor ao ato de formar e muito além disso refletir sobre essa formação. A paixão do ser formadora não está embasada unicamente no vir a ser que está sendo formado, mas sim, nas possibilidades que esta ação lhe proporciona de, inteligentemente, utilizar toda estrutura, curiosidades, desejos, emoções para desenvolver esta ação. De acordo com Freire (2011) "embora diferente entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado." (p.25), ou seja, aluno e professor estão em constante formação e re-formação.

A paixão que me refiro aqui não é aquela com a qual estamos acostumados, como aquela em um mundo cor-de-rosa. A paixão que quero me referir é aquela em que o professor se transpõe e supera, diante das mais diferentes dificuldades encontradas no seu dia-a-dia. O real motivador que a faz olhar para o aluno além de sua classe social ou de um conjunto de valores a que a sociedade o condena.

Assim como percebi na professora Eliane, pude perceber na professora Helena, um amor ao que está fazendo. Uma vontade voraz de procurar caminhos melhores, e práticas mais consistentes para que dê conta desse sentimento formador. Preocupadas sempre com aquele que aprende e como aprende.

Day (2006) na introdução de seu livro *Paixão por ensinar: A identidade pessoal e profissional do docente e seus valores*, o dirige a professores e futuros professores que tem e ou sentem paixão pelo ensino, amam seus alunos, a aprendizagem e a vida docente. Ou seja, há uma paixão por todo o conjunto do ser professor, não somente uma parte dele. Acredito que este é o motivador de minhas professoras, Eliane e Helena, o amor a aquilo que estão fazendo.

6 EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO

Uma prática docente que me satisfaz é uma prática que vai desnaturalizar. Por exemplo, que desnaturaliza opressões, vai desnaturalizar a questão do controle, desnaturaliza as questões da sociedade. E desnaturalizar que eu te digo, por exemplo, de refletir realmente, de proporcionar situações em que possa se problematizar coisas que a principio as pessoas pensam que estão dadas. Por exemplo, o sistema capitalista. Então o bom, no meu sentido, é desacomodar.

Durante o tempo em que fiquei como observadora das práticas docentes em um modo geral percebia que muitas vezes alguns fatores eram burlados. As professoras sabiam que as situações aconteciam, mas não as comentavam com seus alunos, sem nenhum motivo aparente. Via situações de homofobia como um colega dizer que a atitude do outro menino era coisa de menina, e ficava por isso mesmo. Ou até uma risadinha meio que concordando eu vi, e ficava pensando porque ela não problematiza a situação? Não leva pra sala e conversa sobre? Ou uma situação de preconceito, *você não pode brincar com a gente porque o seu*

cabelo é de cachinho, ver a criança sair triste falar para a professora e a "profe" dizer: - Ah, deixa elas. Brinca com as outras meninas.

Como assim? A oportunidade estava ali, em sua frente, mas passou. E até compreendo a professora que o fez, pois muitas vezes é um facilitador dependendo de onde se trabalha, de qual é o ambiente social e cultural e quem são as famílias que estão inseridas. Falar certas coisas pode ser prejudicial ao professor. Pode inclusive perder o emprego e até o trabalho.

Agora eu penso temos as oportunidades no nosso dia-a-dia, mas temos nos desacomodado? Temos desnaturalizado?

Outro testemunho que não deve faltar em nossas relações com os alunos é o da permanente disposição em favor da justiça, da liberdade, do direito de ser. A nossa entrega à defesa dos mais fracos, submetidos à exploração dos mais fortes. É importante, também, neste empenho de todos os dias, mostrar aos alunos como há boniteza na luta ética. (FREIRE, 1997, p. 52)

O amor à profissão está nessas entrelinhas, nos detalhes. De perceber que o ensino está muito além dos conteúdos programáticos e pragmáticos. Que o ensino depende, nesse momento, mais do que em qualquer outra época, da quebra de paradigmas, vendo que cada vez mais as pessoas só pensam e agem como lhes convém, sem ter um pensamento para e pela sociedade. Predomina o individualismo.

"Como é que eu posso enquanto professora, educadora, coordenadora, seja lá o que for, criar um ambiente para que as questões machistas, as questões de homofobia, as questões de racismo para que se desconstruam na escola. Para mim isso é bom. E não o controle. Porque eu acho que o controle é justamente a ausência de respeito"

Ouvindo essas palavras da professora Helena e me recordando da professora Eliane entendo que quanto mais se respeita o aluno, mais o cativa. Ele pode até não gostar de uma "chamada" por algo errado do que está fazendo, mas entenderá pelo respeito que sente.

A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo de plantas. (FREIRE, 2011, p. 67)

É para isso que estudamos, para isso que lemos tanto, para isso que fazemos pós-graduação, mestrado doutorado, e por aí vai. Não para nos adaptar, mas para transformar essa realidade. Transformar. Desacomodar. Desnaturalizar. A professora deve ser, no sentido freireano, a maior incentivadora para a transformação, para a descoberta, para a curiosidade. Como fala Freire "O que importa é que professor e alunos se assumam *epistemologicamente curiosos*." (FREIRE, 2011, p.83).

Quando me refiro à paixão, entendo-a como um motor, uma força motivadora. Para o professor esta vai dar sustento pela vontade do aprender, pela vontade de buscar mais e colocar em prática junto com seus educandos/alunos. A paixão como característica da professora será

aquela que não a deixa “parada” esperando que alguém lhe dê as hipóteses, mas sai à procura delas. Não é aquela que ouve e finge que não ouve, mas aquela que busca caminhos para a solução.

Em um momento da pesquisa pensei que minha procura era pelo bom professor, mas algo ainda me deixava inquieta. O “bom” não me soava bem, porque não se trata de ser bom ou mau professor. Trata-se de ter motivadores para a procura do novo, do inquietante, do prazeroso. Por que era isso que eu via nessas professoras, ambas faziam algo que lhes dava prazer, e essa era sua busca.

Quando se está apaixonado não se faz as coisas por obrigação, mas pelo prazer de ver aquele a quem se quer bem, feliz. Um professor poderá ser bom, excelente, mas não ter paixão, não ter este motivador. Durante muito tempo foi assim e ainda o é, Arroyo afirma que

Em décadas recentes nos disseram que nas sociedades modernas cada instituição social tem seu papel profissional. À escola cabe apenas transmitir as competências fechadas na visão tecnicista e mercantil do vestibular e do concurso. (ARROYO, 2013, p.77)

E essa visão começa desde cedo. Já se começa a pensar em profissões, às vezes desde a pré-escola, educação infantil, com projetos como “O que eu quero ser quando crescer” ou “Conhecendo as profissões” e por aí vai.

Quando vi pela primeira vez até achei legal, parecia interessante descobrir o que meu pai ou mãe fazem no trabalho, aproximar pais e filhos que às vezes não compreendem o que significa trabalho, o que pra muitos é o motivo pelo qual se está na escolhinha.

Mas em uma pergunta à turma sobre “o que vocês vão querer ser quando crescer?” se ouvir como resposta: “Eu vou ser uma linda princesa!” ou “Eu vou ser o Hulk.”, me fez compreender que para uma criança pequena isso não faz o menor sentido. Eles querem ser aquilo que veem nos filmes e desenhos. Eles querem brincar e é isso. E eu como educadora devo entender isso. E tenho que usar isso a meu favor.

Em uma das oportunidades que estive observando a professora Eliane, percebia como ela usava tudo o que estava acontecendo no momento a ser favor. Assim, como no dia do alagamento, durante aquela semana houve o “dia do Índio”. Ela trouxe uma professora convidada que trabalha com essa temática e esta trouxe vários objetos que as crianças utilizam na tribo. As crianças amaram entender e ver como eles são de fato e não pintar aquele *indiozinho* com a pena na cabeça. Para falar a verdade, esta foi a primeira vez que tinha visto algo diferente.

Não sei ao certo como poderia se classificar. Se isso se deveu à formação ou à experiência desta professora. Certo é que foi diferente, fez a diferença tanto para mim, quanto para aquelas crianças que estavam ali.

A professora Helena me relata uma experiência parecida. Que para conhecer seus alunos ela não pergunta a eles seu nome, endereço, etc., ela lhes dá figuras/fotos contendo cenas do cotidiano: uma mulher com trajas curtos, um homem negro, pessoas com alguma necessidade especial para que respondam o que aquilo significa para eles. E a partir daí começa suas intervenções, a partir dos significados que eles dão para as cenas. Deste modo ela vai desconstruindo e reconstruindo com eles novos parâmetros, novas visões, novos cidadãos. Pois,

Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem

arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu “saber de experiência feito” que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência da classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço. (FREIRE, 2011, p. 101)

A formação e a experiência andam lado a lado. Não há uma sem a outra. A experiência pede formação e informação. E o professor sempre está atrás de ambos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Paixão não é um luxo, um floreio ou uma qualidade que só alguns professores possuem. É essencial para um bom ensino.” Christopher Day

Tendo em vista o conjunto de minha reflexão, valho-me das palavras de Day (2006) para permanecer a refletir.

Não posso achar que já acabou e que para uma questão tão ampla conseguiria dar conta em um Trabalho de Conclusão de Curso. Saber sobre a paixão que move um professor pode até parecer algo muito simples, mas ainda tem muito a se saber e se pesquisar.

Os professores se renovam, modificam-se os currículos, as leis, as estruturas curriculares dos cursos de graduação, ao longo dos anos tudo pode se modificar. Mas o real motivador, o motor para que este percurso ocorra estará lá, permanente, duradouro. Pois a roda continuará a rodar.

O ensino, a educação, o docente, o professor, o mestre, a professora são elementos que estarão sempre unidos em busca do que se possa formar. O ser a ser formado não para a indústria, mas para a sociedade.

Minha busca inicial foi pelo diferente, pois o encontrei e continuo a encontrá-lo. E dou graças por isso, me enche de esperança. Movida por este fator procurava o "algo a mais" e por vezes me deparava com uma nomenclatura que não aceitava, o da vocação.

A professora não é um ser vocacionado para dar aula, para ter paciência, para saber lidar com os mais terríveis fatores de sua profissão. Mas se não é vocação o que é? Pois é, foi isso que percebi, é paixão.

Mas não a paixão que tudo suporta, podemos até casar-nos com a educação, o ensino, mas não seremos seus escravos. O amor deve ser recíproco.

Meu intuito de paixão está naquela que não se acomoda, que não se dá por satisfeita, que não "cruza os braços" e "espera sentado". A paixão é aquela que luta, luta com "unhas e dentes" pela e para a educação. Pensando no sentido formador que nela exerce.

Desacomodar, desconstruir, desnaturalizar, com respeito movido por uma paixão que nos move dia-a-dia à busca pelo novo.

Day (2006) fala que o trabalho do professor ao mesmo tempo em que é exigente quanto a conteúdos e práticas também é emocional e intelectualmente desafiador. Por isso nem todos veem a docência como algo lindo e maravilhoso, por que não é. É árduo, é cansativo, mas sobretudo para mim é gratificante.

No caso das professora como não levar em conta que para a mulher há um desgaste maior. É cultural. A mulher ser a "dona do lar", e apesar de trabalhar e estudar, e ainda sim, os afazeres domésticos estão a seu cargo. Mais um item a ser desnaturalizado. E ainda sim, apresenta-se aos

seus alunos com um sorriso ocultando seu cansaço e suas frustrações. Mas isso é “pano pra outra manga”.

Por essas situações minha pergunta ainda lateja: *é preciso paixão para ser docente?*

Cada um de nós sabe o que nos identifica com o magistério e como se foi dando esse processo de identificação, a ponto de sermos professores (as). Podemos até pensar que é uma identificação necessária, condicionada pela sobrevivência, que não morremos de paixão pelo magistério, entretanto sem um mínimo de identificação seria insuportável. Exatamente seria insuportável por ser uma das profissões mais envolventes, pelo fato de ser uma permanente relação com pessoas e não com coisas, além de ter um baixo *status* social e péssima remuneração. (ARROYO, 2013, p. 127)

Sei que entre a realidade e a ilusão há um abismo e não quero me iludir achando que para todas as respostas sobre a educação é a paixão pelo ensino ou pelo ensinar. Temos um longo caminho pelo reconhecimento de fato desta classe, mas ainda creio que dias melhores virão.

Assim, o ofício de professor é sempre o mesmo, quer se exerça em uma escola de educação infantil ou no final do ensino médio, quer se trate de transmitir as bases da classificação decimal ou a técnica da derivada, quer isso se realize com alunos comuns ou com alunos "com necessidades especiais" como se diz atualmente. É sempre o mesmo ofício: um ofício que associa, em um

único gesto profissional, o *saber e o acompanhamento*. Um saber exigente, sem concessão quanto ao conteúdo. É um acompanhamento que permita a cada um introduzir-se nesse saber utilizando os recursos que são colocados à sua disposição (MEIRIEU, 2006, p. 21).

A realidade para mim nesse momento é de que ainda quero observar muitos professores. Conhecer novas práticas e saberes juntamente com meus educandos. Aprender aprendendo. Com paixão e entendendo que

A tarefa de ensinar é uma tarefa profissional que, no entanto, exige amorosidade, criatividade, competência científica mas recusa a estreiteza científicista, que exige a capacidade de brigar pela liberdade sem a qual a própria tarefa fenece. (FREIRE, 1997, p. 9)

Contudo “Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo” (FREIRE, 2011, p.100), que me leva ao entusiasmo, e ao compromisso de fazer minha parte para o melhor para a educação. Sabendo que esta necessita da minha “paixão” para prosseguir, não somente da minha, como professora, mas a de tantos outros professores que virão e que já estão por ai espalhados. Estão partilhando desse mesmo entusiasmo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** 9. ed. Campinas: Papyrus, 2006.

DAY, Christopher. **Pasión por enseñar:** la identidad personal y profesional del docente y sus valores. Madrid: Narcea, 2006.

ARROYO, Miguel G.. **Ofício de mestre:** imagens e auto-imagens. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FORTUNA, Tania Ramos. **A formação lúdica docente e a universidade:** contribuições da ludobiografia e da hermenêutica filosófica. 2011. 425 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 43. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas,** São Paulo, v. 35, n. 3, p.20-29, Mai./Jun. 1995.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEIRIEU, Philippe. **Carta a um jovem professor.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

NÓVOA, António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. São Paulo – SINPRO, 2006. Disponível em: <http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>. Acesso em: 5 Jun. 2015

SILVEIRA, Rosa M^a Hessel. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. P. 120 – 141.